

TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Reinaldo Kovalski de Araújo¹
Michelle Bocchi Gonçalves¹

É questionando a ideia do não lugar que Diana Taylor inicia sua obra, se colocando como cidadã em trânsito. Sendo ela mexicana, porém vivenciado uma educação Canadense, desconstrói o que seria territorializar-se em ambos os lugares de existência. Segundo a autora seus pertences étnicos e religiosos não faziam mais parte nem do México nem do Canadá.

Diana apresenta algumas preocupações que guiam o livro, como os estudos da performance, e uma breve prévia de seus estudos na New York University, focalizando nas memórias culturais da América Latina. A leitura é envolvente, pois Daiana Taylor traz para dentro da escrita suas vivências como ato performático de escrever, o que permite um diálogo intenso com o seu interlocutor.

Taylor não pensa a performance fora do seu próprio corpo, ao contrário, vivencia os momentos que retrata no livro, tecendo críticas sobre o conceito de performance, abrindo uma discussão acerca de sua desterritorialização, indo às raízes das performances, que se encontram no Teatro e na Antropologia. Taylor nos mostra que não há um conceito único para performance e seu enquadramento em termos práticos apenas contribui para o empobrecimento dos estudos na área.

A autora também realiza uma distinção entre espetáculo, performance e teatralidades, distinção que ao mesmo tempo assume o papel de uma separação conceitual, mas não deixa de apontar semelhanças quanto aos sentidos e diálogos que esses termos possuem.

O conceito de incorporar é muito caro para compreender as práticas de repertório. A autora trabalha com o termo incorporar, no sentido de *trazer para o corpo*. É nesse ponto que ela se debruça sobre o conceito de arquivo e repertório, realizando uma crítica à cultura letrada, que desde os Jesuítas culminou com práticas de arquivo.

DOI: 10.1590/0104-4060.56135

1 Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. Rua General Carneiro, 460, Centro. CEP: 80060-150. E-mail: rei.rka.rka@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-1822-4531>; michellebocchi@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-2401-8470>

A ideia de arquivo vem do fetiche de escrever, fichar, guardar o conhecimento para uma possível consulta posterior. O repertório está nas performances do corpo, do não registro, da efemeridade do dito e performado. Por meio das possibilidades de registro, Taylor lança um grande questionamento sobre quais costumes poderiam ser ameaçados em razão da perpetuação do registro. Quais culturas estariam sujeitas a serem eternizadas e quais estariam sujeitas ao esquecimento?

Vale salientar que se institucionalizou na cultura da escrita uma relação de poder entre aquele que sabe ler e apreender o conhecimento, e o que não se utiliza desses meios letrados para criar seus arquivos: resquícios de uma colonização jesuítica que delegou a poucos escolhidos o dom da escrita e do registro.

Desse conceito deriva a hipótese do distanciamento entre o pesquisador e seu objeto de análise, podendo ele ser apreendido para uma possível análise posterior, ou prova. A pesquisadora salienta que populações como as dos Astecas, Maias e Incas usavam para significar suas escritas, além de códigos gráficos, códigos corporais de comunicação.

Já o repertório encena uma prática não arquivada, como gestos, oralidades, danças, movimentos, cantos e performances. É válido destacar que Diana Taylor não estabelece uma relação hierárquica entre a prática de arquivo e repertório, mas encontra nessas duas possibilidades, metodologias de aprofundamento para o trato analítico de uma pesquisa, porém, não nega a hegemonia nas práticas arquivistas como *modus operandi* de investigação.

Para a autora, a prática da escrita esteve sempre ligada ao processo de colonização, pelo qual tomava-se posse de um espaço e de um corpo, por intermédio de meios simbólicos, dando legitimidade a este, tomado por meio do gesto documental. Os povos das Américas estavam mais ligados aos gestos de incorporação, formas não escritas de comunicação, que localizam sua comunicação especificamente no corpo.

A autora confere a ideia de roteiro para pensar além do conceito de repertório. No roteiro, a regra está previamente estabelecida, com movimentos, gestos, falas, mais ou menos acordadas. Porém, há neles, brechas para o escape, para a ironia, para a transformação em novas manifestações, novas formas de produções e diálogos.

Mesmo após 10 anos de sua publicação, *O arquivo e o repertório* de Diana Taylor, se coloca como uma fonte de pesquisa atual para todos aqueles e aquelas que procuram trabalhar com performance e memória cultural. Seu trabalho, fruto de pesquisas realizadas no instituto Hemisférico de performance e política², pensa

2 O instituto foi fundado em 1998, pelos professores Diana Taylor (New York University), Zeca Ligiéro (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil), Javier Serna (Universidad

de forma atualizada as fronteiras entre o arquivo e o repertório, explorando toda vasta gama de possibilidades performáticas por meio das quais se torna possível abordar essas duas formas de registrar ações e políticas.

O livro carrega, como marca principal, o trato cotidiano com as efemeridades vivenciadas cotidianamente pela autora. O que em um primeiro momento poderia deixar a obra marcada por um traço temporal, acaba por se tornar uma característica peculiar de sua obra. Diana Taylor coloca em cheque as questões temporais, questionando sobre o que fica para uma discussão sobre o que é performance, repertório e arquivo e o que já foi passageiro, e entra na base de uma outra discussão, o passado, o não registrado, o esquecido.

O que pode e precisa ficar daquilo que se registra? O que fica ou que sobra das práticas não arquivais? Como ficam as populações que não traziam em sua cultura práticas de arquivo? Essas questões são caras para as obras de Taylor, pois contemplam seu mote de discussão: os estudos hemisféricos/latino-americanos.

O livro se divide em 10 capítulos/performances que Taylor percorre na sua própria experiência, usando registros fotográficos de seu acervo pessoal para fazer valer seu posicionamento diante dos questionamentos: 1. Atos de Transferência; 2. Roteiros do descobrimento: reflexões sobre a performance e a etnografia; 3. A memória como prática cultural: mestiçagem, hibridismo, transculturação; 4. A raça cosmética: Walter Mercado performatiza o espaço psíquico latino; 5. Identificações falsas: as minorias choram por Diana; 6. “Você está aqui”: H.I.J.O.S. e o DNA da performance; 7. Encenando a memória traumática: Yuyachkani. 8. Denise Stoklos: a política da decifrábilidade; 9. Perdidos no campo de visão: testemunhando o 11 de setembro; 10. Performances hemisféricas.

Daiana Taylor adentra o primeiro capítulo apresentando os conceitos de performance, apresentando-os tanto como conceito de análise quanto como uma lente metodológica, observando que pensar performance é um modo de gerar e transmitir conhecimento. Ela desenvolve seu trabalho pensando a performance como um modelo de manutenção da memória. Dessa forma, performar está intimamente relacionando com o ato de lembrar, recordar. Para ela, as performances funcionam “como atos de transferência vitais, transmitindo o conhecimento, a memória e um sentido de identidade social por meio do que Richard Schechner denomina ‘comportamento reiterado’” (TAYLOR, 2013, p. 27).

Taylor discorre sobre as performances realizadas por Walter Mercado, destacando como sua desterritorialidade confere uma identidade muito parti-

Autónoma de Nuevo León, Mexico) e Luis Peirano (Pontificia Universidad Católica del Perú). Realiza Encontros bienais – chamados Encuentros –, sendo que o primeiro foi realizado em 2000, no Rio de Janeiro. Atualmente, o Instituto tem a sua sede oficial na New York University, onde Diana Taylor leciona.

cular a seus atos de existência. O ato de lidar com o não palpável, a questão do futuro em relação ao presente, o sentimento, a possibilidade de ver o que está por vir, e dessa forma lidar com o hoje, confere ao personagem criado por Walter Mercado um ícone capaz de transitar entre múltiplas esferas do pertencimento cultural latino.

Walter Mercado não é somente um porto-riquenho que dá opiniões astrológicas sobre o futuro valendo-se de um conjunto de saberes que mistura conhecimentos orientais, ocidentais e locais. Ele em si é a própria personificação das quebras de fronteiras entre raça, sexo e gênero. Queerizando suas performances, Walter não busca um local de identidade, mas sim um lugar entre. Busca um lugar entre os gêneros, personificando uma (quase) *drag*, entre o rico e o seu espectador de classe média e média baixa, entre o ser bom e o ter cuidado com o próximo... É no “entre” que se encontra a identidade de Walter, o que permite sua relação pessoal com seu telespectador.

A presença de Walter Mercado se relaciona com um ato de desincorporação. Diferentemente de outros médiuns que personificam sua presença para poder fazer valer suas performances de cura e de visagem, Walter Mercado se encontra em uma outra esfera, não presentificada. Não é necessário estar com ele para que se receba suas graças; elas são direcionadas dia a dia no horário nobre da televisão, ou através de uma ligação que pode ser realizada para um telefone exclusivo, no qual é possível ouvir uma gravação com sua voz, ou ainda quando se compra um dos amuletos vendidos aos milhares através de um canal de vendas exclusiva.

O personagem criado por Walter Mercado rompe com as questões da presença e se personifica para além do ato, estando suas performances registradas nos respectivos arquivos televisivos. Sua performance também se prontifica no objeto: ao vender um de seus amuletos, Walter estabelece uma relação particular entre sua pessoa e o objeto adquirido, fazendo valer no objeto traços de sua presença.

Será com a morte da Princesa Diana que Taylor vai lançar uma crítica incisiva sobre os meios de representação, performance e fantasia. Segundo a autora, a morte da princesa de Gales é uma amostra de uma grande teatralidade que, organizada, causou uma comoção mundial e uma (des)organização política. A morte em questão, não foi de alguém qualquer, mas de uma personagem que foi construída paulatinamente pela mídia; mesma mídia que deu fim à vida da princesa, em um ato falho, típico das tragédias aristotélicas.

O que se perde com a morte da Princesa Diana não é somente um corpo, mas toda uma identidade política que se cria por meio de um corpo personagem. Havia toda uma necessidade da mídia em realizar uma relação entre suas performances e as de Evita Perón e Madre Tereza, por exemplo. Holofotes

iluminavam a morte de Diana. O foco nos seus trabalhos comunitários, na sua relação e cuidados com pessoas portadoras do vírus HIV, tudo isso fazia com que o funeral da princesa ficasse cada vez mais perto da população, causando dessa forma um ato de identificação e um drama social.

Dessa forma, a Diana que se conhece era um construto performativo, produto de atos estilizados, contos de fadas, fantasia... Sua vida, como sua morte, faz parte de um *script* performativo capaz de causar atos de comoção. Chora-se, lamenta-se, não pelo que se conhece da própria princesa, mas pelo que se constrói como personificação do que conhecemos sobre ela.

A leitura do livro propicia, desse modo, um escopo de possibilidades àqueles interessados em questões que vão da performance aos registros, da pesquisa à prática, estabelecendo conexões com o conhecimento em educação no que se refere às distintas poéticas de pesquisa e aos diferentes modos de se compreender o outro e suas especificidades, especialmente nos casos nos quais corpo e discurso têm um lugar central.

Texto recebido em 31 de outubro de 2017.

Texto aprovado em 31 de outubro de 2017.

